

***Velho:  
que não é jovem, novo,  
que tem muito tempo de vida  
ou de existência<sup>1</sup>***

Iaci Malta<sup>2</sup>  
Outubro 2009

Parece já ser senso comum que as última décadas têm sido marcadas pela primazia do ser eternamente jovem. Muitos pensadores, escritores, psicoterapeutas e teóricos de diversas áreas apontam a dificuldade do envelhecer que marca nossos tempos.

Recursos da medicina no campo da cirurgia plástica, muita malhação e hormônios assim como recursos das chamadas medicinas alternativas têm sido usados para manter o corpo jovem ou melhor, para manter a aparência do corpo jovem. No outro lado da mesma moeda, encontramos aqueles que clamam pela aceitação do envelhecimento natural do corpo mas que, sem perceber, resvalam igualmente nessa dificuldade de envelhecer quando afirmam que o importante é “permanecer jovem de espírito”.

É possível que esses últimos estejam apenas usando a palavra *jovem* com um sentido metafórico mas, como somos seres da linguagem que, num processo circular, nos constrói à medida que a construímos, a fala ‘jovem de espírito’ resulta também numa negação do envelhecer.

Assim venho, nessa reflexão, propor um resgate do primeiro significado da palavra velho,

*que não é jovem, novo, que tem muito tempo de vida ou de existência,*

de forma que possamos ser velhos, não jovens, ser velhos de corpo e espírito e que, incluídos, respeitados e admirados pela nossa experiência, possamos ser *velhos vivos, velhos vitais*.

Digo incluídos, porque é a exclusão que desvitaliza os velhos. É a desqualificação do saber proveniente da experiência vivida que, aliada à desistência de ser agente no mundo com que os velhos reagem a essa exclusão, desvitaliza muitos deles. Os chamados jovens de espírito, que eu aqui proponho chamar de velhos vitais, são os sobreviventes desse processo.

No entanto, qual é a realidade de hoje? A idade média crescendo com aceleração positiva, a população de velhos aumentado... o mundo está envelhecendo!!! Os recursos da medicina, não plásticos, mas restauradores, preservadores da qualidade de vida, se desenvolvem a cada dia permitindo que uma boa parcela dos seres humanos cheguem à velhice ‘inteiros’ perfeitamente capazes de permanecer agentes na vida. Quero clamar que precisamos nos preparar para esse novo mundo.

---

<sup>1</sup> HOUAISS, A.: *Dicionário da Língua Portuguesa*; 1ª. Edição, Editora Objetiva, Rio de Janeiro – 2001.

<sup>2</sup> Psicóloga, Psicoterapeuta em Análise Bioenergética (CBT) – SABERJ/IIBA, Doutora em Matemática – IMPA.

Em meu consultório tenho recebido muitas pessoas que, chegando aos cinquenta “inteirões” estão assustados, porque a ilusão do ser jovem, de corpo e ou de espírito, não protege a maioria deles da angústia de não se sentir com um lugar nesse mundo dos jovens. Ilusão sim porque, como diz minha amiga e colega Martha Zanetti<sup>3</sup>, se sentir jovem aos setenta anos é uma forma de delírio (ou alucinação?!).

Por outro lado, se não podemos permanecer eternamente jovens, devemos nos preparar para envelhecer permanecendo vitais e agentes na vida; isso é uma imposição do mundo atual. Ao invés de pensarmos “já tenho quase cinquenta anos” temos que pensar – e nos prepararmos para isso – que ainda viveremos, no mínimo, mais 40 anos<sup>4</sup>.

Reconheço que o *jovem* vem envelhecendo: 60 anos atrás uma mulher de 40 anos era velha – os mais antigos se lembrarão da balzaquiana que só tinha 30 aninhos. De fato, a criança também está envelhecendo – encontramos crianças de 20 anos e adolescentes de 40 anos. É verdade também que, aparentemente, as crianças estão deixando de ser crianças mais cedo mas, no meu entender, não é que estejam chegando à juventude mais cedo e sim que vem se caracterizando uma nova forma de ser criança mais tempo, é a criança sexualizada.

Mas, ainda no meu entender, a internalização do processo natural (culturalmente natural) de alargamento do período de plena funcionalidade do ser humano apenas como uma prorrogação da juventude nos aprisiona na medida em que essa tentativa de permanecer se sentindo jovem se choca com a realidade efetivamente vivida, consumindo nossas energias disponíveis para nos sentirmos vitais e podermos nos manter funcionais.

Como eu disse, acredito que a linguagem constrói nossa subjetividade à medida que nossas necessidades de comunicação criam a linguagem e, portanto, acredito que o peso da palavra interfere profundamente na forma como vivenciamos o mundo e nossas experiências nele. Acredito que precisamos poder ser velhos

*que não são jovens, novos, que têm muito tempo de vida ou de existência,*

simplesmente porque esse é já um destino anunciado, temos pela frente um tempo muito grande para estar vivos e, francamente, tentar ser eternamente jovem além de ser uma quimera, é cansativo.

---

<sup>3</sup> Jornalista, Psicoterapeuta em Análise Bioenergética (CBT) – IIBA.

<sup>4</sup> Até o final do século provavelmente a expectativa de vida estará por volta dos 120 anos – ou mais, não esquecendo dos avanços das pesquisas com células tronco.